

R E S E N H A



A crise desvendada e o reavivar da crítica

The crisis unraveled and the revival of criticism

HARVEY, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*.
São Paulo: Boitempo, 2011, 240p.

Giselle Souza da Silva*

E a crise atual? Em que consiste? Esta é uma pergunta que se tornou recorrente desde que irrompeu a crise de 2008 nos Estados Unidos e se alastrou mundo afora. Atribuída algumas vezes à desregulamentação financeira e à “anarquia” da especulação, a crise contemporânea carece de uma interpretação efetivamente crítica que permita sua compreensão dentro da totalidade social da dinâmica burguesa. E é isto que propõe David Harvey em seu recente livro *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. Ao tratar da crise recente, o autor visa compreender as crises enquanto processos inerentes desse modo de produção que, mesmo surgindo e se configurando de diferentes formas ao longo dos anos, tem sua base fincada na contradição fundamental da sociedade burguesa.

Vale lembrar que Harvey é geógrafo, britânico, formado em Cambridge e professor da Universidade da Cidade de Nova York – *The City University of New York* (CUNY) – que aos 76 anos persiste como um dos mais importantes intelectuais marxistas da atualidade. Seu mais famoso livro, *Condição pós-moderna* (Loyola, 1992), é considerado uma das publicações acadêmicas mais importantes e uma referência no debate das transformações do capitalismo contemporâneo. Desde então suas publicações têm sido fundamentais na análise do desenvolvimento capitalista nas últimas décadas, cada vez mais afinado a teoria marxiana.

Em *O enigma do capital*, publicado em 2010 e traduzido no Brasil em 2011, Harvey adensa e amadurece sua discussão sobre o capitalismo contemporâneo ao abordar a crise recente. Inicia com o anúncio de que esse livro é sobre o fluxo de capital e é a interrupção, retardamento ou suspensão desse fluxo que leva o capit-

.....
* Assistente Social, mestre e doutoranda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/FSS/UERJ). Professora temporária da Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas do Orçamento Público e da Seguridade Social (GOPSS/CEO/UERJ).

alismo às crises, inerentes a esse modo de produção. Harvey pretende com este trabalho compreender este processo, pois, segundo ele, só assim poderemos saber o que fazer para revertê-lo.

O primeiro capítulo é dedicado à apresentação didática e sintética da crise atual. Iniciada nos Estados Unidos em 2007 (embora apresentasse sinais no ano anterior) no setor imobiliário, a chamada “crise das hipotecas *subprime*” levou à quebra de grandes bancos de investimento, tendo como o caso mais emblemático o desabamento do *Lehman Brothers*. Sua origem se relaciona às operações especulativas no setor imobiliário, mas logo atingirá todo sistema financeiro e os demais setores. Brevemente os mercados de créditos foram afetados ao redor do globo e “o resto do mundo, até então imune [...] foi arrastado precipitadamente para a lama, gerada em particular pelo colapso financeiro dos EUA” (p. 10).

Segundo o *Federal Reserve* (Banco Central norte-americano), no ano de 2008 estimava-se a perda de 11 trilhões de dólares de valores de ativos das famílias dos EUA. Por isto e por outros aspectos Harvey a considera a “mãe de todas as crises”, e o apogeu das crises subsequentes. Uma afirmação do autor merece destaque: Harvey nega que essa crise ponha em xeque o projeto neoliberal. Resposta bem dada aos nekeynesianos recém-nascidos! E, para ele, essa crise pode até mesmo aprofundar o neoliberalismo.

O primeiro capítulo é, sem dúvida, rico na análise e nos dados para o entendimento da crise, suas determinações e relações, num exercício dialético e objetivo. Desnuda-se o processo especulativo e o enaltecimento do capital fictício como corolários do desenrolar desta crise financeira, que não tem base somente no mundo das finanças, mas se estrutura a partir da agudização das contradições do sistema capitalista.

E é isto que as páginas seguintes procuram analisar: a propensão do capitalismo à crise. Em seu segundo capítulo, “O capital reunido”, Harvey busca desvendar as razões das crises sistêmicas e, ao fazê-lo, recorre à análise das condições necessárias à acumulação do capital para, depois, apresentar os entraves e limites produzidos pelo próprio capital. Aqui Harvey destaca o importante papel do que chama de Estado-finanças, que define como o “sistema nervoso central” da acumulação do capital, e é a partir dele que os sinais da crise se apresentam.

Nos três capítulos subsequentes, Harvey adentra o processo de produção e discorre sobre as relações entre capital e trabalho, as bases tecnológicas, a relação com a natureza, a questão da absorção do excedente de capital, a luta de classes, a demanda efetiva e a questão do subconsumo, o processo de circulação, o papel do crédito para realização do valor e seus entraves, a queda das taxas de lucro. Enfim, Harvey trata de diversos debates extraídos de Marx e da tradição marxista pertinentes ao entendimento do sistema capitalista e a tendência às crises inerente a ele e que, para Harvey, não são jamais resolvidas, apenas deslocadas. Ao tratar sobre o desenvolvimento capitalista, Harvey aborda suas inerentes contradições, de vertiginoso avanço das forças produtivas que permitiram adentrarmos numa nova forma de sociabilidade humana, mas ao mesmo tempo em dissonância com as relações sociais de produção, que torna essa evolução cada vez mais desigual. Os capítulos 6 e 7 tratam do debate da geografia do capitalismo e a destruição criativa da terra, nos

quais o autor aborda a geografia da crise e a expansão do capital ao redor do mundo, bem como as consequências ambientais e as transformações da natureza, fruto da busca incessante por mais lucros especulativos.

Seu capítulo mais polêmico teria de ser o último, intitulado “Que fazer e quem vai fazê-lo?”, numa clara referência a Lênin. É aqui que Harvey analisa o cenário da correlação de forças, as potencialidades de lutas em torno do fim do capitalismo e quais sujeitos políticos se apresentam no cenário atual. O autor afirma que, embora haja uma reinvenção da crítica diante dos últimos acontecimentos, essa ainda é muito incipiente. “A existência de rachaduras no edifício ideológico não significa que está definitivamente quebrado” (p. 175). Apresentam-se diversos movimentos anticapitalistas, que têm como traço em comum a ausência de unicidade no que tange à estratégia e tática. Embora muitos deles não se oponham claramente ao capitalismo, para o autor são potencialmente revolucionários ao apresentarem inquietações e descontentamentos com o *status quo*. Parece aqui que Harvey considerou pouco o papel da classe trabalhadora, enfatizando mais os movimentos sociais emergentes e suas potencialidades, opção justificada pelo autor dada a reconfiguração das forças sociais na atualidade.

Harvey afirma que, mesmo com dificuldades de unificar os sujeitos em torno da luta pelo fim da ordem burguesa, a legitimidade deste sistema está sendo questionada. Ao se perguntar se o capitalismo se recuperará desta crise, Harvey responde com um sonoro, “sim”. E afirma que “o questionamento a respeito do futuro do próprio capitalismo como um sistema social adequado deve, portanto, estar na vanguarda do debate atual”. Dependerá dos sujeitos a transformação da sociedade.

Mesmo escrevendo antes do colapso dos chamados *PIGS* (Portugal, Irlanda, Grécia, e Espanha) e da ocupação de *Wall Street*, Harvey reaviva a crítica para orientar a prática revolucionária. Este livro pode ser considerado, sem dúvida, uma referência na análise da crise atual e mais, uma análise claramente marxista a contribuir para reanimar e alimentar a luta pela destruição do modo de produção capitalista e construção de uma sociedade emancipada. Seguindo os ensinamentos do “velho barbudo”, Harvey afirma: “Esclarecer o enigma do capital, tornando transparente o que o poder político sempre quer manter opaco, é crucial para qualquer estratégia revolucionária.” (p. 195).

Recebido em 15 de junho de 2012.

Aprovado para publicação em 21 de agosto de 2012.